

O REGISTRO DE CLASSE DAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DO RIO DE JANEIRO: FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA OU TAREFA BUROCRÁTICA?
Luiza Alves **Ribeiro** – UFRJ - FE - LEDUC

Introdução

Só a escrita preserva o passado, o futuro e ressuscita aquilo que parecia sepultado. Ela vive no tempo mais-que-perfeito. A escrita torna palpável duas emoções intocáveis: o passado e o sonho. Feitas do ontem e do amanhã, escrever é abrigar o que foi feito, e mais, gravar o ainda por fazer. Escrever é preservar o passado e promover rupturas (QUEIRÓS, 2007, p. 36).

A epígrafe deste texto compõe uma imagem de escrita que atravessa o tempo, resgata emoções, abriga nossas ações passadas e futuras, escreve-se o que se fez e que se coloca a fazer. O compromisso da produção discursiva escrita, no entanto, ultrapassa a condição de preservação e resgate da memória do passado, mas aponta para a memória de futuro e para a promoção de rupturas. A escrita nos permite passar o passado a limpo para construir um novo amanhã.

A partir destas primeiras reflexões, apresentamos o objeto de estudo deste trabalho: a escrita dos professores cariocas em um documento oficial, implementado como política de formação continuada e que tem sido justificado como estratégia para a reflexão e transformação da prática pedagógica nas escolas da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ). O desafio que se colocou configurou-se em escrever sobre as concepções docentes sobre a escrita dos Registros de Classe, uma escrita que se põe no trânsito do tempo e que, ao preservar a história vivida pelos atores escolares, também possibilita “passar a limpo” as palavras dos sujeitos pesquisados e do sujeito pesquisador.

Recuperamos, assim, a afirmação de que “para que as palavras durem dizendo cada vez coisas distintas” (LARROSA, 2004, p. 15), há de se estabelecer um vínculo indissolúvel entre “O pesquisador e o seu outro” (AMORIM, 2004).

“O outro se torna estrangeiro pelo simples fato de eu pretender estudá-lo” (idem). É, pois, a partir de um lugar exotópico (BAKHTIN, 1919/1921), que nos posicionamos diante do desafio de compreender a escrita docente, cujas palavras constituem discursos e permitem dar a conhecer, talvez, identidades de professores e professoras, sujeitos de linguagem que produzem gêneros de discurso, concretizados em documentos oficiais sobre o trabalho educacional. Assim, o objetivo deste artigo é apresentar reflexões acerca da imposição de uma política de formação continuada de professores a partir da prática escrita sobre e no Registro de Classe (documento oficial da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro), em duas escolas da Zona Oeste da cidade, onde a interlocução, a provisoriedade e o devir se emaranham em atos responsivos. Para tanto, trabalhamos com Bakhtin (2003, 2006), Andrade

(2004) e outros autores que coincidem em sua preocupação com a formação docente e sua relação com a linguagem e a constituição das identidades profissionais de professores e professoras.

É primordial partir, antes, do entendimento de que as práticas educacionais instauram um universo de tensões culturais que levam os sujeitos, envolvidos no processo ensino-aprendizagem, a construírem representações sobre si mesmos e o mundo. Deste pressuposto, é possível indagarmos sobre como podemos responder às questões que motivam este trabalho, assimilando a desejável responsividade do pesquisador em seu esforço para compreender

... um objeto [que] é compreender meu dever em relação a ele (a atitude ou posição que devo tomar em relação a ele), isto é, compreendê-lo em relação a mim mesmo no Ser-evento único, e isso pressupõe minha participação responsável, e não uma abstração de mim mesmo. (BAKHTIN, 1919/1921, p. 35)

Por ora, objetivando uma apresentação inicial e panorâmica deste artigo, uma vez que se trata de materializar um texto de abertura, anunciamos, por meio do sentido que carrega em si a ação de abrir-se, pronominalmente, movendo-se, destrancando-se ao(s) Outro(s), que o *corpus* analisado neste artigo é parte de um arquivo maior que compõe uma pesquisa de doutorado em Educação. São escritas docentes que preenchem as inúmeras páginas do Registro de Classe de professores de duas escolas, localizadas na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro.

No que diz respeito à análise do *corpus*, apresentamos, também, a opção de construir um conjunto de procedimentos analíticos e interpretativos que contemplem as relações dialógicas como espaço de tensão entre enunciados (FARACO, 2009). E, para que as vozes docentes se materializem em diferentes eventos, além do Registro de Classe, também dialogaremos com as respostas dos professores das duas escolas a um questionário sobre o ato de escrever em Registros de Classe.

1. Registro de Classe: o conflito entre norma e *práxis*

A história do Registro de Classe, nas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, confunde-se com a história dos registros de professores que, não raro, preenchiam cadernos avulsos, onde descreviam aspectos do desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos, assim como anotavam e descreviam as atividades trabalhadas em sala de aula. Desta forma, cada professor registrava sua prática, de forma singular, em seu dia a dia.

Muitos destes cadernos tinham a função de recuperar a memória dos fatos vivenciados com a turma, registrar planejamentos de atividades, descrever possibilidades de trabalho pedagógico e, ainda, pequenas ocorrências de sala de aula, sendo validados, muito

frequentemente, por toda a equipe escolar, como documento da história dos atores do processo educativo.

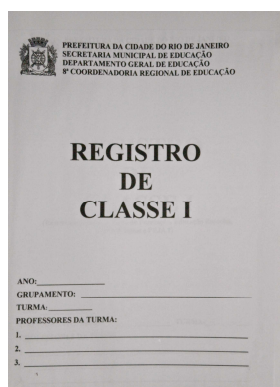
Em um primeiro momento, a Secretaria Municipal de Educação, através da Resolução 684, de 2000, já previa, em seu capítulo primeiro, o registro da avaliação dos alunos do Sistema de Ensino do Município do Rio de Janeiro em um Relatório Individual e um Relatório-Síntese da turma. Estes dois relatórios já apontavam para uma tentativa do Poder Municipal em garantir, através da escrita, uma possível atitude reflexiva do grupo de docentes sobre o processo ensino-aprendizagem, passando pela tomada de consciência, tanto das práticas pedagógicas, como da aprendizagem destes mesmos alunos. Configurava-se, à época, mais uma ação governamental pautada no que o Núcleo Curricular Básico do Município do Rio de Janeiro para a Educação – Multieducação – já asseverava desde 1996: a necessidade de uma política educacional baseada na reflexão e na tomada de consciência das ações realizadas na e pela escola.

A Secretaria Municipal de Educação, através da Resolução de Avaliação 776, de 2003, estabeleceu o Registro de Classe, em sua primeira formatação, como instrumento de registro da avaliação de todos os alunos da rede pública municipal da Cidade do Rio de Janeiro.

A Resolução de Avaliação nº 946, publicada no início do ano de 2007, ratificou o Registro de Classe como

documento oficial da Rede Pública Municipal de Ensino, em todos os seus níveis e modalidades, para a anotação das ações pedagógicas e do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos pelos professores regentes (Resolução nº 946/2007, Cap. III Art. 20).

Figura 1: Capa do Registro de Classe I¹



¹ Apesar de a SME-RJ elaborar um documento para os anos iniciais do Ensino Fundamental, o Registro de Classe I, e outro, para os anos finais, o Registro de Classe II, não há, em sua estrutura, mudanças significativas, uma vez que, no segundo, apenas são disponibilizadas mais páginas na parte que se refere ao registro das atividades vivenciadas pela turma durante um mês específico, para que os professores, das diferentes disciplinas, possam fazer o registro destas atividades em espaço específico. Portanto, apresento escaneado apenas o modelo do Registro de Classe I.

Entretanto, ainda em 2007, mais uma Resolução de Avaliação foi publicada, Res. SME nº 959/07, revogando a anterior, mas confirmando, mais uma vez, o Registro de Classe como documento oficial para registro da ação pedagógica, reproduzindo, na íntegra, os parágrafos que discorriam sobre o Registro de Classe na Resolução revogada.

Durante o processo de elaboração, normatização e confecção dos Registros de Classe, percebeu-se que havia uma lacuna entre a proposta de o professor tomar consciência de sua prática em sala de aula e utilizar o Registro de Classe como instrumento de organização e sistematização do fazer pedagógico. Estariam os “tomadores de decisão” convencidos de que o Registro de Classe possibilitaria aos educadores uma investigação do fazer pedagógico, através das observações sobre o percurso do processo educativo no Registro de Classe, fazendo destes educadores pesquisadores de sua própria obra, de um trabalho em contínua construção?

2. Proposições teóricas e percursos reflexivos

Na escrita docente, mais especificamente em documentos oficiais, normatizados por gestões públicas (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, por exemplo), o professor dá forma verbal, produzindo gêneros discursivos, ao seu fazer pedagógico. Este esforço de arrancar do mundo empírico palavras que expressem o vivido e o que se há de viver, constituiu-se como um dos instrumentos para conhecer as práticas discursivas dos docentes. Estas escritas podem ser, todavia, um caminho para relacionar os saberes dos professores à sua própria identidade, suas experiências de vida, suas histórias profissionais, as relações com os seus alunos e com demais atores escolares (PRADO; SOLIGO: 2007; SOUZA, 2011, TARDIF, 2006).

Articulamo-nos à perspectiva bakhtiniana de linguagem, constituída pelo fenômeno social de interação verbal, em que o outro desempenha um papel essencial na formação de subjetividades e identidades, revelando relações entre o linguístico e o social (ANDRADE, 2004; BAKHTIN, 2003, 2006; CHARLOT, 2005; GERALDI, 2003). Nestas relações, a ideia é a de que as práticas discursivas dos sujeitos da linguagem, professores e seus registros, são produzidas a partir de discursos de outros docentes, cindidas em várias perspectivas, marcadas pelos múltiplos sentidos da palavra.

O registro normatizado, objeto de nosso estudo, é preenchido de acordo com normas e orientações da SME-RJ e das Coordenadorias Regionais de Educação e, muito embora não haja um registro gráfico oficial (apenas há uma folha de apresentação no início do documento), o preenchimento do Registro de Classe é realizado a partir do entendimento que professores têm ao lerem os cabeçalhos de cada seção/parte que compõem o referido documento. Entretanto, seu preenchimento é norma explicitada e que deve ser seguida.

A definição do registro enquanto norma imposta por uma gestão pública, evidencia-se, a cada dia, de forma mais consolidada, enquanto uma ação meramente burocrática, sem qualquer valor funcional para o professor regente. E é este mesmo professor que se vê, ao mesmo tempo, entre abandonar o suas anotações pessoais, reflexo e momento de reflexão sobre seu dia a dia em sala de aula, ou simplesmente deixar de cumprir uma exigência legal, principalmente em decorrência das inúmeras tarefas que os professores têm a cumprir diante de exaustivas jornadas de trabalho. Em muitas reuniões pedagógicas (em escolas, Coordenadorias Regionais de Educação e na SME-RJ), é comum escutar professores defendendo a necessidade de preencher o Registro de Classe, mas evidenciando a falta de tempo para fazê-lo. Em alguns questionários, respondidos pelos professores sujeitos desta pesquisa, encontra-se o mesmo relato:

Não gosto do registro como é feito hoje, em alguns momentos virou boletim de ocorrência do aluno. Acho que o registro deve ser mais prazeroso. Em alguns momentos com o número excessivo de alunos em sala fica difícil de fazê-lo.
Questionário: Joana – Escola 1)

*Acredito ser de fundamental importância, pois é nele que anotamos tudo aquilo que trabalhamos no nosso dia a dia, mas digo também que é preciso de um tempo bem maior para poder organizá-los.*² (Questionário: Edith – Escola 1)

A fim de entender como se processa a relação linguagem e discurso no registro normatizado pela Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro e, ainda, se e como este processo de produção textual leva à constituição de uma voz do trabalho docente como instrumento de formação continuada destes mesmos professores, é que vêm em meu auxílio, como apoio para reflexões teóricas, as concepções de linguagem, língua, discurso, enunciado, identidades docentes e gêneros discursivos, principalmente.

Não se pode desprezar, também, o fato de que os sistemas de ensino da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Prefeitura de Duque de Caxias, do Governo do Estado do Paraná³, entre outros, ao exigirem um único modelo de registro a ser preenchido, escritura documentada que o termo impõe, representa uma postura disciplinada, que exige a desconsideração da heterogeneidade dos indivíduos/professores e que os obriga a uma

² Optamos por transcrever, neste artigo, todas as escritas das professoras, tanto nas respostas aos questionários, quanto nas escritas dos Registros de Classe, com letra *Monotype Corsiva*, pelo fato de não ter sido encontrado qualquer tipo de impedimento nas determinações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e com o objetivo de tornar legível as palavras e textos que foram coletados pela pesquisadora através de fotos e respostas aos questionários. Consideramos, assim, todas estas transcrições, não como citações, mas como escritas docentes compositoras do *corpus* desta pesquisa. Também os nomes dos professores são fictícios e as escolas encontram-se denominadas como Escola 1 e Escola 2.

³ De acordo com a Instrução nº 17/07 da Diretoria de Administração Escolar, Coordenação de Documentação Escolar da Secretaria Estadual de Educação do Paraná, que estabelece as normas para preenchimento do Livro Registro de Classe na Rede Estadual de Ensino.

produção textual única, procedimento condenado pelas mesmas redes de ensino no que se refere às produções textuais de sujeitos/alunos. É o controle do corpo, que está “preso no interior de poderes muito apertados, que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1986, p.126).

Fixar e estabelecer uma única forma de registro pode tornar fluida a compreensão e o conhecimento do registro como revelador da *práxis*, constituinte de uma identidade docente e instrumento de diálogo entre o professor e o fazer pedagógico, tendo em vista que as formas de produção se manifestam circunstancialmente. Chartier (2007), ao pesquisar sobre a escrita das práticas profissionais, ressalta a multiplicidade de registros de escrita, onde

[...] as situações de tomada de palavra são variadas [...]. Não são as mesmas estratégias enunciativas que funcionam quando a questão é escrever uma carta pessoal ou uma carta transmitida por via hierárquica, um relatório destinado a permanecer confidencial (como um relatório individual de inspeção) ou um relatório suscetível de ser difundido... (CHARTIER, 2007, p. 241).

As reflexões, aqui apresentadas, também objetivam estreitar a lacuna existente nos estudos sobre a escrita e a formação docente (ANDRADE, 2004). Andrade (2004, 2009, 2010) considera fundamental refletir sobre as novas exigências que estão sendo feitas aos docentes e, conseqüentemente, a constituição de novas formas de produção escrita sobre o fazer pedagógico. Para ela, a pesquisa poderia focar-se na escrita dos professores para melhor entender as constantes mudanças das identidades docentes.

3. Palavras escritas que (des)pretensiosamente configuram-se como análise dos discursos docentes

Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila de nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa. (BAKHTIN, 2003, p. 21)

Os olhos do pesquisador buscaram os olhos dos sujeitos professores e, nessa posição, a fusão de nossas singularidades históricas, sociais e ideológicas se revelaram constituintes de uma nova realidade: a busca pelo objeto de pesquisa – a escrita burocrática docente.

Ao primeiro olhar, a Escola 1 e a Escola 2 se constituíam de professores enamorados do autor da pesquisa. A abertura necessária para a coleta de dados e as reflexões a serem realizadas concorriam para a construção de um elo indissolúvel entre sujeitos professores e sujeito pesquisador. A acolhida empática e soante das vozes docentes configurou-se como uma cantata magistral.

Na Escola 1, cinco professores regentes prontamente responderam ao questionário e se puseram a disponibilizar seus registros. Fato não diferente na Escola 2, cujo corpo docente,

constituído por seis professores, também se prontificou a colaborar com a pesquisa, disponibilizando os documentos de registro e respondendo o questionário.

Por outro lado, um impasse se encaminhava: como fotografar os registros pessoais e normatizados se eles ainda estavam se constituindo ao longo do ano letivo?

Em comum acordo, pesquisador e sujeitos da pesquisa decidiram que o final do ano letivo de 2009 e/ou início do ano seguinte, 2010, seria o tempo propício para a coleta de dados, uma vez que os professores teriam, então, dado corpo e forma aos registros.

Os olhares, então, se mantiveram firmes, mas sempre um pouco mais distantes, já que era necessário aguardar o tempo favorável para fotografar os registros. A análise, no entanto, começou a ser delineada a partir das respostas dos professores às questões do questionário semi-estruturado. Nelas, encontram-se as produções discursivas de professores que reconhecem, na escrita, um processo de historicização das vivências, no dia a dia da escola, mas, por outro lado, também denunciam a burocratização deste processo:

Acaba sendo um pouco que obrigação uma vez que o registro do professor é o que melhor e mais importante tem-se de 'documento' do aluno. (Resposta da Professora Alice da Escola 2)

Sim. Quando tenho que fazer os relatórios dos alunos para mostrar à direção, como parte obrigatória e não como conhecimento do aluno. (Resposta da Professora Joana da Escola 1)

Só quando falta tempo para fazer o relatório de todos os alunos das minhas duas turmas. (Resposta da Professora Kátia da Escola 1)

A ausência de meios, tempos e espaços, para a escrita docente está presente nas respostas a diferentes perguntas do questionário de pesquisa e, muito claramente, percebe-se a força da imposição de uma escrita normatizada para mostrar à direção da escola ou a elementos das Coordenadorias Regionais de Educação. O caráter de controle, que o Registro de Classe incorpora, encontra-se presente também nas respostas dos questionários dos gestores das duas escolas quando inquiridas sobre a existência de algum tipo de instância que controla/supervisiona o preenchimento do referido documento.

Sim, a U.E. [Unidade Escolar] é visitada por um representante da CREF que observa se os registros estão sendo feitos. A Coordenação e a direção acompanham esses registros e viabilizam a realização dos mesmos e orientam quando solicitadas. (Resposta da Diretora da Escola 2)

*No âmbito escolar: Direção e Coordenação.
No âmbito da SME: Gerência de Educação.
(Resposta da Coordenadora Pedagógica da Escola 2)*

A 8ª CRE supervisiona os registros quando visita a escola. (Resposta da Diretora da Escola 1)

Entender escritas docentes, no mundo contemporâneo, e provocar outras vozes a dialogarem com o texto acadêmico sobre estas escritas altera significativamente o ponto de referência destas reflexões, aqui não mais colocadas no horizonte do “Eu”, mas no horizonte do “Outro” – a verdadeira revolução de Bakhtin (PONZIO, 2009).

A subversão das identidades, a partir da lógica da alteridade, propõe um diálogo com as diferenças onde não se pode mais continuar insensível ao Outro. Um Outro que se impõe a nós de forma irredutível e que nos constitui, no nível linguístico e no nível de construção de nossas consciências, quer queiramos ou não:

“Nossas” palavras nós tomamos, diz Bakhtin, da boca dos demais. “Nossas” palavras são sempre “em parte dos demais”. Já estão configuradas com intenções alheias, antes que nós as usemos (admitindo que sejamos capazes de fazê-lo) como materiais e instrumentos de nossas intenções. Por esse motivo, todos os nossos discursos interiores, isto é, nossos pensamentos, são inevitavelmente diálogos: **o diálogo não é uma proposta, uma concessão, um convite do eu, mas uma necessidade, uma imposição, em um mundo que já pertence a outros.** (PONZIO, 2009, p. 23, grifo nosso)

Se o diálogo não é uma concessão e sim uma imposição, também não é algo que se interpõe entre o “Eu” e o “Outro”, mas compromisso que concede lugar ao “Eu” no mundo da alteridade. Então, o diálogo se impõe inevitavelmente, abrindo espaços e tempos para que o “Eu” do pesquisador possa se matizar nas palavras alheias dos docentes e, responsivamente, tomá-las para si e tecer o discurso dialógico da pesquisa.

Assim como Bakhtin caracteriza o romance de Dostoiévski como polifônico (BAKHTIN, 2010), também aqui as escritas docentes se impõem enquanto vozes plenas e consciências equipolentes, representantes do universo docente pesquisado, e marcadas pelas peculiaridades deste universo. Encontramos, nas respostas sobre as impressões dos professores sobre o Registro de Classe, outras vozes de insatisfação em relação à imposição de preenchimento deste documento.

[O Registro de Classe] *Poderia ser mais simples como aquele velho registro que vendê na papelaria (permita-me rir).* (Resposta da Professora Sônia da Escola 2)

Não gosto do registro como é feito hoje, em alguns momentos virou boletim de ocorrência do aluno. Acho que o registro deve ser mais prazeroso. Em alguns momentos com o número excessivo de alunos em sala fica difícil de fazê-lo. (Resposta da Professora Joana da Escola 1)

Acredito ser de fundamental importância, pois é nele que anotamos tudo aquilo que trabalhamos no nosso dia a dia, mas digo também que preciso de um tempo

muito maior para poder organizá-los. (Resposta da Professora Edith da Escola 1)

As vozes, presentes nas respostas acima, são vozes de docentes que têm o que dizer sobre o Registro de Classe, sobre seu fazer e sobre as dificuldades e vantagens de terem em mãos este documento. E, como tal, não podem ser analisadas de forma reificada, é preciso entender a polifonia presente nestes discursos. A vivência docente, com número excessivo de alunos em sala, acúmulo de atribuições que gera falta de tempo para executá-las e ainda referência a experiências anteriores (“velho registro que vende na papelaria”), reportadas mesmo que ironicamente (“permita-me rir”), matizadas a outras tantas vozes geram a possibilidade de uma abordagem dialógica e responsiva.

Naturalmente que esta não é uma tarefa fácil, tamanha a complexidade de análise que se impõe ao sujeito pesquisador, cuja busca incessante pelo discurso polifônico, não apaga as vozes docentes, presentes nas escritas que compõem o *corpus* da pesquisa, e nem a voz da pesquisadora, consciente de suas limitações diante de seu objeto.

Mas como fazer do ato solitário de escrita de uma pesquisa um não monólogo concluído e surdo à resposta do outro? Foi preciso mais do que esforço para não enformar as escritas docentes em categorias pré-estabelecidas. Foi necessário que a essência conflituosa do ser professor, em épocas de intenso controle das políticas governamentais, não coubesse nos limites de uma análise segura e contemplativa dos registros docentes, principalmente dos previamente (re)configurados como instrumento de supervisão e controle do fazer da escola e dos professores – os Registros de Classe.

Há de se levar em conta que o mundo contemporâneo vive a crise da atividade técnica, distanciada da vida e da sua singularidade única de ser evento (BAKHTIN, 2010). Parece que também as vozes docentes ecoam denunciando o distanciamento entre ação responsável e produto, onde o ato de escrever, obrigatório e compulsório, perde todo o significado na vida do ser professor.

[O Registro de Classe] *É restrito e nem sempre possível registrar em tempo real.* (Resposta da Professora Márcia da Escola 1)

Não gostei do modelo atual [do Registro de Classe]. Imprimir mensalmente todas as folhas do registro, além de demandar tempo pode levar à perda de folhas ou organização das mesmas de forma inadequada. (Resposta da Coordenadora Pedagógica da Escola 2)

Infelizmente [o Registro de Classe] não é visto com a importância que deveria. Os professores apenas o fazem por obrigação burocrática. (Resposta da Professora Márcia da Escola 1)

As vozes dos professores, presentes nas respostas dos questionários, falam por sua singularidade, com o conhecimento de quem, responsabilmente, constitui-se no seu fazer docente, vivenciando as contradições de um mundo contemporâneo que degenera o atividade de quem ensina e aprende ao grau de motivação técnica e burocrática, esvaziando sentidos e saberes da ação responsiva da escrita sobre o fazer de sala de aula.

A responsabilidade que incide sobre o ser, que não tem álibi, em religar cultura e vida, consciência cultural e consciência viva, concede efetiva validade e sentido a cada significado construído nas interações do “Eu” com o “Outro”, cada um em sua unicidade e insubstituibilidade.

Ao voltarmos o olhar para os Registros de Classe, encontramos produções discursivas que remetem aos sentidos e significados produzidos nas respostas dos professores e dos gestores das duas escolas ao questionário da pesquisa.

As práticas discursivas dos sujeitos da linguagem, aqui estudados, constroem uma realidade a respeito da atividade docente vivenciada em sala de aula. Enquanto uma professora utiliza-se de letra manuscrita para fazer seu registro, avalia diagnosticamente seus alunos a partir de qualificações generalizadas: “a turma é agitada mas interessada”, não há sujeitos aprendentes, mas uma “turma” proveniente da Educação Infantil e que, aos olhos do professor, são, em parte, indisciplinados e não possuem nem atenção, nem interesse. Também a proposta de trabalho indica uma preocupação com opções metodológicas para o ensino da linguagem e o da matemática, com referência ao método de alfabetização (fônico) e aos recursos materiais (ábaco, régua de *cuisinaire*, material dourado) a serem utilizados.

DIAGNÓSTICO DA TURMA	PROPOSTA DE TRABALHO
<i>A turma é agitada mas interessada apesar de alguns alunos apresentarem indisciplina no comportamento.</i>	<i>A alfabetização de início será com a apresentação do alfabeto incluindo a construção do alfabetário de nomes dos alunos, rótulos (produtos utilizados) sendo iniciado o processo de leitura com o uso do método fônico, utilização do livro didático.</i>
<i>Metade da turma cursou a Educação Infantil na Escola no ano anterior e a outra metade são alunos vindos de escolas vizinhas.</i>	<i>Na alfabetização matemática utilizar calendário para preenchimento sequência numérica, cores contagem dos alunos, cálculo da quantidade de alunos, utilizar também as Régua de Cuisenaire, abaco e Material Dourado.</i>
<i>Durante o segundo semestre houve uma certa queda no aproveitamento dos alunos (de alguns alunos) devido à falta de atenção, indisciplina e falta de interesse dos mesmos.</i>	
<i>Projeto: Centro Oeste (Caminhos do Brasil).</i>	

(Registro de Classe – Diagnóstico e Proposta de Trabalho - 1º bimestre 2009 – 1º ano do Ensino Fundamental: Professora Lourdes – Escola 2)

Se todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, compreendemos aqui também o caráter e as formas desse uso, multifacetada também nas diferentes atividades docentes. A professora Edith, ao preencher a mesma parte do Registro de Classe – Diagnóstico da Turma e Proposta de Trabalho – de sua turma, produz uma escrita que se utiliza da tecnologia da informática (digitação do texto em Word), mas mostra-se envolvente e responsiva à aprendizagem de seus alunos. Embora diagnostique limitações e dificuldades, ressalta a preocupação com os alunos para que “se desenvolvam e se sintam importantes com vontade de aprender e estejam inseridos no letramento”. A construção de valores, conhecimentos essenciais à vida e a interação estão presentes na proposta de trabalho, além do contato com livros infantis, jogos e brincadeiras para que tenham “um momento de alfabetização mais agradável e gratificante”. Por outro lado, a escrita dos Registros de Classe, mesmo quando em busca de uma individualidade no dizer sobre a prática de sala de aula, demonstra que os registros e anotações são sempre produzidos a partir de outros discursos, em geral de outros docentes, e assim são cindidos por várias perspectivas, marcadas pelos múltiplos sentidos da palavra. Percebemos, mais uma vez, a presença do termo “turma”, utilizado de forma genérica, sem a preocupação da unicidade dos sujeitos alunos. Pode ser mesmo que o gênero documental do Registro de Classe, por mais que se queira impresso de palavras alheias tomadas para si, ainda impõe o distanciamento e a generalização exigidos por uma escrita documental. Ou mesmo seja uma forma de escrever e dizer sobre seus alunos, impregnada e arraigada no fazer docente de professores que estão na labuta há, no mínimo, dezenove anos.

DIAGNÓSTICO DA TURMA	PROPOSTA DE TRABALHO
<p>A turma 1101 é formada por 27 alunos: 11 meninos e 16 meninas. Cinco dessas crianças vieram de outras escolas.</p> <p>[...]</p> <p>Quanto ao nível de aprendizagem, boa parte da turma corresponde à expectativa do início do letramento. A maioria já reconhece o alfabeto, o que tem facilitado o estabelecimento letra fonema, segmentação da escrita em relação à fala e o trabalho com diferentes formas de gráficos de letras, mas atendo um pequeno grupo que apresenta dificuldades até no reconhecimento do nome. Para estes alunos tenho tentado chamar atenção criando condições para que eles se desenvolvam e</p>	<p>A proposta de trabalho da turma 1101 é a construção de valores e de conhecimentos essenciais à vida de cada ser humano, como por exemplo, o respeito que devemos ter com cada pessoa que convivemos no dia-a-dia.</p> <p>Proporcionar cada vez mais a interação entre a turma, mostrando a importância de reconhecer o cada dia às regras sociais de convivência, estimulando respeito e harmonia entre todos.</p> <p>Pretendo através de atividades lúdicas, jogos coletivos, brincadeiras de roda e músicas, trazer para eles um momento de alfabetização mais agradável e gratificante para o grupo.</p>

se sintam importantes com vontade de aprender e estarem inseridos no letramento.	Que a todo momento dentro da sala de aula possam entrar em contato com livros infantis, despertando-os para o letramento. [...] Com isso estaremos num constante trabalho em função do letramento e a aquisição do código linguístico. ⁴
--	---

(Registro de Classe – Diagnóstico e Proposta de Trabalho - 1º bimestre 2009 – 1º ano do Ensino Fundamental: Professora Edith – Escola 2)

A preocupação com a escolha de formas linguísticas é clara nas escritas docentes, o que corrobora a ideia de que as palavras são selecionadas segundo a sua especificação de gênero (BAKHTIN, 2003). Escrever sobre a prática docente exige mais do que o domínio destas formas linguísticas, mas principalmente da constituição de um discurso coletivo (feito de muitos outros) artesanalmente construído no fazer pedagógico. Embora constituídos com palavras, cores e tons muito diferentes, os dois registros acima demonstram o esforço das duas professoras que necessitam cumprir a tarefa burocrática de registrar sobre seu fazer em um documento oficial. A primeira sucumbe à formatação do gênero documental imposto e insiste numa escrita distante e pouco descritiva do seu fazer. Já a professora Edith permanece perseguindo um ideal de escrita que possa atender às demandas de sua prática, inclusive quando imprime a primeira pessoa em seus textos. A responsividade da atividade docente transcende aí a dimensão burocrática e assume o pragmatismo e funcionalidade que o escrever sobre a prática pedagógica deveria ter.

Acredito ser de fundamental importância [o Registro de Classe], pois é nele que anotamos tudo aquilo que trabalhamos no nosso dia-a-dia, mas digo também que preciso de um tempo maior para poder organizá-los. (Resposta da Professora Edith da Escola Verbum)

Poderia mesmo arriscar a dizer que entrevemos a especificidade de um estilo docente que ora preocupado com a normatização e a documentação do trabalho pedagógico, ora utilizando-se dos enunciados como desabafo para as dificuldades cotidianas de sala de aula, (re)criam um elo indissolúvel entre a palavra e o ato responsivo da atividade de educar.

É importante dizer, que nem todos os alunos por mais que as atividades e propostas sejam contínuas assimilam de forma homogênea, portanto há alunos bem aquém do que almejo que estejam, mas continuo no árduo trabalho no intuito que saiam do anonimato e sintam-se importantes e capazes (principalmente) de

⁴ A professora Edith, da Escola 2, digitou e colou, em seu Registro de Classe, o Diagnóstico da turma e a Proposta de trabalho, por isso, optamos por manter a formatação da fonte em Times New Roman, a fim de que pudéssemos diferenciá-la da professora Lourdes, que preencheu, à mão, o Registro de Classe de sua turma.

saber que podem ir adiante. (Registro de Classe – Diagnóstico 1º bimestre 2009 – 1º ano do Ensino Fundamental: Professora Edith – Escola 2)

A turma continua muito agitada e indisciplinada, dificultando o trabalho. Alguns não se interessam em realizar as atividades e houve a queda do rendimento. Alguns responsáveis se reuniram e foram reunidos para a explicação sobre o projeto e o trabalho pedagógico desenvolvido pela professora. (Registro de Classe – Replanejamento 2009 – 1º ano do Ensino Fundamental: Professora Lourdes – Escola 1)

Compreendo que, em seu registro, os professores manifestam, nas formas encontradas para escrever, nos vocábulos escolhidos e no sentido produzido pelas diferentes combinações estruturais, o caráter sógnico da linguagem, a ideologia que é produto e produtora de homem. Assim, não se pode conceber uma análise investigativa de um texto sem pensar, juntamente, na natureza dialógica da enunciação (BAKHTIN, 2003).

Reiteramos que as esferas do uso da linguagem não se apresentam como noções abstratas, desviadas das interações sociais, outrossim configuram-se nos enunciados concretos dos discursos. Este entendimento, segundo Machado (2008) conduz a uma abordagem da linguagem com foco na função comunicativa em detrimento da função expressiva.

Entre os enunciados escritos de professores e professoras, encontra-se a intenção de escolher entre as formas estáveis dos enunciados.

A força móbil que impulsiona professores e professoras a buscarem uma forma de escrever que dê conta das especificidades que as anotações pessoais e o Registro de Classe requerem, em alguns momentos, torna-se quase que uma inércia diante das demandas do trabalho docente na nova configuração de escola e sociedade.

Percursos conclusivos

As identidades docentes foram enunciadas e significadas nas palavras alheias, tomadas nossas neste estudo, presentes nas produções discursivas dos professores. A estas, juntamos as vozes dos professores que ocupam lugar na gestão das duas escolas pesquisadas. Diretores, Diretores Adjuntos e Coordenador Pedagógico enunciaram-se, disseram sobre o lugar que a escrita docente ocupa no dia a dia da escola e diferentes não foram suas palavras. Os ecos, em maior ou menor grau, davam maior brilho e nitidez às imagens construídas e elaboradas discursivamente pelos professores regentes. De novo, a escrita, alçada à posição sublime de registro das vivências escolares, responsável pela transformação das práticas e atividade indispensável ao exercício da docência, é questionada diante da ausência de tempos e espaços para sua realização. Por outro lado, o Registro de Classe, documento oficial das escritas

docentes, tomou o lugar e a função de instrumento panóptico (FOUCAULT, 1986), para controle das ações dos professores e da escola nos diferentes níveis da gestão pública.

Ainda em relação aos Registros de Classe, professores e gestores das duas escolas elaboraram, discursivamente, falas de concordância com a existência do documento, embora apresentassem pequenas sugestões para mudança no modelo em vigor. O envolvimento dos gestores e sua total subordinação às políticas governamentais afetaram algumas destas afirmações, a ponto de torná-las frágeis instrumentos para sustentação de uma prática obrigatória de escrita docente.

Se acaso as intenções da SME-RJ, ao elaborar o Registro de Classe, estavam voltadas para uma prática de formação continuada reflexiva dos professores, dentro das escolas municipais, tal não fora este o efeito. Antes, os registros normatizados se configuraram como uma tarefa burocrática opressiva e impossível de ser realizada, de maneira autoral e reflexiva, sobre o fazer de sala de aula, pelos professores, regentes de turmas com mais de trinta alunos, em escolas, inseridas em contextos de extrema pobreza material e cultural, no interior de espaços violentos e em condições sub-humanas de sobrevivência.

Referências bibliográficas

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ANDRADE, L. T. de. *Professores leitores e sua formação – transformações discursivas de conhecimentos e de saberes* Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2004.

_____. A construção de alteridades universitárias em interlocuções na formação continuada de professores alfabetizadores no Rio de Janeiro. In: *Anais do V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*. Caxias do Sul, 2009. CD-ROM.

_____. Personagens e enredos de práticas pedagógicas na cena da formação docente. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol.31, n.110, p.179-197, março 2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *Para uma filosofia do ato (1919/1921). Toward a Philosophy of the Act*. Translated by V. Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1993.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. [Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

CHARLOT, B. *Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARTIER, A. M. *Práticas de leitura e escrita – história e atualidade*. Tradução Ana Maria de Oliveira Galvão et al. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2007.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1986.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. Campinas: Martins Fontes, 2003.

LARROSA, J. *Linguagem e educação depois de Babel*. Tradução Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*; [coord. de tradução Valdemir Miotello]. 1 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto: 2009.

PRADO, G. de V. T.; SOLIGO, R. (orgs.). *Porque escrever é fazer história: revelações. Subversões e superações*. Campinhas, SP: Editora Alínea, 2007.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. Resolução nº 684/2000.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. Resolução nº 776/2003.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. Resolução nº 946/2007, Cap. III Art. 20.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. Resolução nº 959/2007.

SOUZA, E. C. de (org.). *Memória, (auto)biografia e diversidade – questões de método e trabalho docente*. Salvador, BA: EDUFBA, 2011.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2006.

